

16-02-2022

(C)ORAÇÃO POPULAR: CHEGA DESSA MORNA REBELDIA!

Thiago Sebastiano de Melo

[Docente no CET - Universidade de Brasília.
Membro da Coordenação Executiva do Comitê Goiano
de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino]

Vamos às atividades do dia

*Lavar os copos, contar os corpos e sorrir
a essa morna rebeldia (Criolo)¹*

O ano começou com uma bela reunião! Não, não estou falando de uma das imensas festas de virada de ano que ocorreram Brasil afora (a despeito de todas as advertências das autoridades sanitárias para que não ocorressem). Falo da primeira reunião do Fórum Intersindical para pensar a agenda de ações para um ano vital para o país. Deste encontro com importantes entidades sindicais, membros de universidades, intelectuais, militantes, uma mensagem ficou sublinhada: é preciso ser revolucionário em todas as dimensões da vida, é preciso se indignar efetivamente, e não apenas pontualmente com o que nos toca mais diretamente. Inquieto e tomado por essa tarefa de não me aquietar, de não perder minha capacidade de indignação, fecho os olhos enquanto espero numa clínica oftalmológica para ser atendido e a voz de Bacu Exu do Blues me provoca: *“Por que eles insistem em testar minha fé / Sabendo que não vão conseguir?”*². Quando abro os olhos tomado pelo ímpeto da fúria, vejo a chamada na televisão: “bombeiros fazem oração por mortos em Franco da Rocha”. Talvez precisemos mesmo de um oftalmologista. Talvez precisemos mesmo orar. Minha oração é ecumênica! Meu respeito, ateu, se dirige a todas as religiosidades. Minha existência é atravessada pelo clamor popular de justiça social. Meu coração é perdidamente popular! Meus olhos só enxergam barbárie, só leem atrocidades, porque minha presença é constantemente interdita pelo desprezo. Eu sou cada corpo negro maltratado, cada pobre humilhado. Meu corpo, eivado da culpa por erros normalizados por valores machistas, dói, adocece. E as dores são intensificadas quando os movimentos de superação, de transformação, de mudança (alguns chamam de desconstrução) são dificultados. Não é fácil mudar. Não é fácil viver. Está ficando impossível existir no Brasil. Darcy Ribeiro, no ano que eu nasci, disse *“O que o Brasil exportou de açúcar e de ouro enriqueceu o mundo. Aqui, deixou buraco e sepultura”*³. Essa é a realidade de um país que vive uma “modernização modernosa” que não tem nada a ver com “um país que deu certo”.

Trinta e seis anos depois, com lágrimas nos olhos, temos a tarefa diária, como disse bem o Criolo, de contar os corpos que vão para estas sepulturas que seguem abertas, que seguem sendo abertas. Mas não é mais cabível ficarmos atônitos/as, letárgicos/as, aquecidos/as por uma morna rebeldia. Não existe “a do dia”. Todo dia são várias pancadas. Dizem que quando apanhamos muito o corpo caleja. Talvez estejamos calejados/as. E o que pode devolver nossa sensibilidade? Penso que a poesia, a utopia, o amor. Amar a poesia utópica. Mudar a chave e diariamente inventar e praticar o exercício teleológico de uma existência amorosa poeticamente utópica. Amar a poesia utópica, não ser submisso! Não ofereceremos a outra face a cada bordoadada que derem. Não existe um outro que não me vê como humano ao qual devo reverência. Os versos dessa poesia impelem a retrucar, a rebater, a sobreviver, a impor nossa dignidade, nossa humanidade. Queremos guerra? Não, queremos viver! Guerra, genocídio, extermínio é o que fazem há mais de 500 anos. Não acho que as pessoas brancas sejam inimigas, assim no abstrato, no maniqueísmo. Sei que existem pessoas inimigas, uma racionalidade inimiga, uma estrutura inimiga. E, com esse exercício teleológico, se avizinha a hora que inimizade será tratada com inimizade. Parafrazeando Baco, *“acham que nos cercaram, mas não sinto perigo. Só cheiro de medo e de inimigos mortos”*⁴. Rezemos para que entendam isso antes que a reação não seja por notas de repúdio. Por falar nisso, enquanto penso na nota de repúdio que quero ver arder no quiosque que foi palco do assassinato cruel e desumano de Moïse, volto os olhos para o celular e leio que uma mulher foi resgatada da casa de um pastor da Assembleia de Deus depois de anos de trabalho análogo à escravidão e que uma travesti foi morta a tijoladas!

**Das ruas às casas,
passando pelos templos religiosos
e pela cadeira presidencial,
a barbárie toma conta do país!
Só me cabe um clamor:
construamos nosso novo exercício diário
com (c)oração popular!**

Notas:

1. <https://www.lettras.mus.br/criolo/1876462/>
2. <https://www.lettras.mus.br/baco-exu-do-blues/dois-amores/>
3. Ribeiro, Darcy. *Universidade para quê?* Brasília: Editora UnB, 1986.
4. <https://www.lettras.mus.br/baco-exu-do-blues/inimigos/>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.